

A HEGEMONIA INTERNACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA SOB O GOVERNO DE XI JINPING: UMA ANÁLISE DA BUSCA PELA CONCRETIZAÇÃO DO SISTEMA *TIANXIA* A PARTIR DO REALISMO OFENSIVO

Rafael Queiroz Alves¹

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos²

1. Resumo: O presente artigo objetiva analisar, a partir da consideração da elevação do poder da China enquanto ator hegemônico regional, qual é a tendência de transformação da ordem mundial durante o governo de Xi Jinping. Em um primeiro momento, o referencial teórico para explicar o contexto global contemporâneo será constituído pela obra de John J. Mearsheimer. Posteriormente, em contraposição, o mesmo tema será verificado através do conceito de *Tianxia*, que é abordado na obra de Tingyang Zhao. Por fim, as duas abordagens serão comparadas.

Palavras-chave: China; Hegemonia; Realismo Ofensivo; *Tianxia*; Ordem Mundial.

2. Abstract: The present article aims to analyze, from the consideration of the elevation of China's power as a regional hegemonic actor, the tendency of transformation of the world order during the government of Xi Jinping. At first, the theoretical reference to explain the contemporary global context will be constituted by the work of John J. Mearsheimer. Subsequently, in contrast, the same theme will be verified through the concept of *Tianxia*, which is addressed in the work of Tingyang Zhao. Finally, the two approaches will be compared.

Keywords: China; Hegemony; Offensive Realism; *Tianxia*; World Order.

3. INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar a interpretação realista ofensiva da retórica da República Popular da China enquanto potência aspirante à ampliação da hegemonia dentro do sistema internacional atual, delimitada à periodização do governo de Xi Jinping (de 2013 até a atualidade). As teorias utilizadas para a pesquisa serão representadas por John J. Mearsheimer, professor estadunidense da Universidade de Chicago, e também pela perspectiva acadêmica e estratégica chinesa expressa por um movimento de acadêmicos chineses contemporâneos (uma possível “Escola Chinesa de Relações Internacionais” em formação), como Tingyang Zhao, filósofo chinês que trabalha como pesquisador na Academia Chinesa de Ciências Sociais. Feitas as análises, o artigo trará uma reflexão a ser desenvolvida por meio de um exame da proposição do sistema *Tianxia* (天下 em chinês simplificado) a partir das contribuições trazidas por Mearsheimer. Assim, presume-se que serão identificadas as semelhanças e incompatibilidades entre as avaliações, podendo-se chegar a conclusões sobre a relação entre China, Estados Unidos e o mundo dentro de tal contexto.

Tianxia significa “tudo abaixo do céu” no sentido de que todos (os seres humanos) abaixo do céu (do mundo todo) devem coexistir pacificamente. Trata-se de um conceito cultural chinês que denota o mundo físico e a forma ideal pela qual deve pertencer aos humanos. Para que seja instaurada uma noção maior de unidade entre os povos, o conceito estabelece um senso de “mundanidade” em oposição ao de

¹ Rafael Queiroz Alves é aluno de graduação no terceiro ano do curso de Relações Internacionais na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) de Marília.

² Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos é professor de Teoria das Relações Internacionais I e II e Questões Estratégicas Contemporâneas I e II na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) de Marília.

internacionalidade³. Remete à China antiga, especificamente a um período histórico em que a Dinastia Zhou (1046 - 256 a. C.) governava e subordinava a civilização em moldes tributários em termos do que era conhecido como “o mundo” (uma área genericamente identificada com o que é hoje a China e suas circunvizinhanças) naquele momento.

A periodização abordada, em análise sob uma perspectiva ocidental, deve ser compreendida como “pós-Guerra Fria”, a princípio. Após o fim imediato da guerra em 1991, carregado com o encerramento da estrutura da ordem mundial bipolar, que era configurada pelas lideranças dos Estados Unidos da América e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, foi suscitado um relativo consenso acerca do que se denominou “Nova Ordem Mundial”. Esta nova ordem seria, segundo muitos analistas da política internacional contemporâneos ao desdobramento, o sinal da emergência de uma pacífica comunidade internacional e, portanto, de um sistema internacional regido pela vitória dos valores liberais e de mercado, segundo Fukuyama (1992), pelo “fim da história”.

O mundo, então, em termos de poder, se tornou unipolar com a liderança isolada dos Estados Unidos. Alternativa e reativamente à proposta de Fukuyama, Huntington (1997), constatou que, apesar de que em tal contexto existia uma multipolaridade em termos civilizacionais, a distribuição de poder relativa havia se tornado desproporcional em relação ao líder e não tinha no sistema um competidor à altura dos EUA para substituir a URSS, mas os conflitos perdurariam com base em choques entre civilizações, ainda que algumas destas fossem militarmente mais fracas.

Concordando parcialmente, a partir de outro enfoque, com a elucidação opostora à tese fatalista de Fukuyama, o autor realista ofensivo em foco na presente pesquisa, Mearsheimer (2001), contempla a dinâmica internacional em termos de prolongamento do ritmo de imposição de poder em sua obra mais conhecida, *The Tragedy of Great Power Politics*. Com viés estruturado por dados militaristas, o autor enfatiza, por exemplo, que, mesmo após o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos mantiveram aproximadamente cem mil tropas instaladas na Europa e um contingente similar no nordeste da Ásia por conta do reconhecimento de que, caso se ausentasse, haveria maior probabilidade de emergência de rivais perigosos nos locais citados; então os EUA buscaram conter elevações de poder regional. Sendo assim, Mearsheimer julga que a política internacional sempre foi desenvolvida com base em princípios de agressividade e de busca por maximização de poder de Estados às custas de outros, então isso não poderia ser alterado após o fim da Guerra Fria. Além disso, o analista propõe que é impossível que haja uma potência permanente e hegemonicamente global. Pelo contrário, a história se move dentro de um sistema internacional que constribe constantemente os Estados à busca pela obtenção de poder, o que significa que a liderança estadunidense não pode ser eterna. Ademais, a posição hegemônica se dá no âmbito regional. A variável da expansão territorial é necessária à teoria de Mearsheimer.

Sincronizado com o que se sucederia, o pensamento de Mearsheimer se manteve conectado à realidade do jogo internacional. Os posteriores desdobramentos históricos relativos aos Estados Unidos envolveram crises econômicas e políticas no Ocidente, simultâneas a ascensões econômicas e a aumentos de influência política de outros Estados sobre a estrutura global. Tal reviravolta trouxe redução das disparidades de poder no sistema, criando condições para a possibilidade da superação do cenário em que os EUA encontram-se enquadrados isoladamente como a maior potência hegemônica do globo, e, conforme a explicação do analista militar português Alexandre Carriço, os chineses sabem disso:

Para muitos chineses ligados ao meio político, diplomático, militar, econômico e acadêmico, a crise financeira de 2008 enfraqueceu os Estados Unidos, fruto das contradições internas da sua visão econômica neoliberal de *small government, big society* fundamentada numa fraca supervisão macroeconômica estatal. Segundo esta linha de raciocínio se a esta crise juntarmos o desgaste das guerras do Iraque e do Afeganistão e o

³ Zhao traz o conceito de “mundanidade” no artigo publicado em 2009, “A Political World Philosophy in terms of All-under-heaven (Tian-xia)”. Implica em uma compreensão de mundo em que a coletividade no sistema internacional seja mais abrangente, incentivando maior responsabilidade mundial e menor foco em questões referentes aos campos nacionais.

impacto negativo que as mesmas tiveram no agravar do seu déficit orçamental, a China estará a partir de agora numa posição mais benéfica para consolidar o seu desenvolvimento pacífico num mundo multipolar (2013, p. 27).

Assim, a discussão sobre a “polaridade” do mundo tem lugar na presente análise. No mundo, um polo, sendo um centro regional de poderes decisores da política e economia internacional pode ser único, mas, em outros casos, quando ocorre descentralização e conseqüente distribuição de poder, podem surgir dois, três ou até mais deles. No caso em questão, a posição da China dentro da ordem mundial atual pode ser compreendida por muitos observadores como a de um polo de poder expressivo e crescente que pode ou não disputar pela unipolaridade.

Constatada a expansão chinesa, então, faz-se necessário avaliar as noções estadunidenses identificadas no realismo ofensivo sobre tal fato em conjunto com as observações que são feitas em contraponto pela contemporânea perspectiva chinesa das relações internacionais (expressa em círculos acadêmicos harmônicos com a política externa). Ao passo que Tingyang Zhao busca trazer à tona uma narrativa universalista, diplomática, institucionalista, pacífica e representada por valores tradicionais da civilização sínica para justificar o que farão com o poder que o Estado vem conquistando dentro do sistema internacional, o realismo ofensivo, que representa uma ótica estadunidense de rivalidade notável ante a ascensão da Terra do Meio, aponta para hipóteses contrárias, isto é, em que o sistema é definido como um palco de reprodução de mecanismos de poder e imposição de vontades de Estados hegemônicos sobre unidades menores. Assim, pode-se pretender obter uma perspectiva realista ofensiva sobre o ente hegemônico chinês gestado por Xi Jinping e sua forma de se expressar na ordem internacional atual.

3.1 A PERSPECTIVA REALISTA OFENSIVA SOBRE A ASCENSÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A República Popular da China é detentora do segundo maior PIB do mundo. Entre diversos fatores estratégicos que permitiram seu crescimento para atingir tal posto, o princípio do multilateralismo propiciou que o país estabelecesse e mantivesse alianças políticas e comerciais com o máximo de Estados que seria possível fazê-lo. Então, após a queda da URSS e o fim da Guerra Fria, a China lança mão de uma estratégia de busca por crescimento econômico, autonomia no sistema internacional e preservação da paz mundial. O crescimento deveria ser gerado através de meios pacíficos (MATIAS, 2010).

Atualmente, a China garante a estabilidade no sistema internacional graças às relações de interdependência que busca e sustenta para, principalmente, consolidar sua capacidade de poder e, conseqüentemente, sua posição na liderança global. Sendo assim, o Estado chinês é considerado como uma potência possível e futuramente hegemônica (BANDARRA, 2015).

Dado o cenário em que a China se interpõe como potência que busca estabelecer uma hegemonia regional, a conceitualização realista ofensiva revela-se como um referencial teórico útil para compreender o funcionamento desta unidade dentro da estrutura global. Mearsheimer possui especialização no tema acerca da ascensão da China enquanto potência hegemônica e, sendo o elaborador da teoria denominada “realismo ofensivo”, dá atenção especial a tal ator do sistema internacional. Mearsheimer tem intenso interesse na China porque este Estado em ascensão se apresenta como uma nova potência hegemônica regional que pretende dominar a Ásia supostamente da mesma forma que os EUA dominam o Ocidente. A grande questão que o preocupa e que se repete em diversas de suas publicações é “se a China pode ascender pacificamente” (2005c), o levando a dedicar seu arsenal teórico para responder a pergunta de maneira realista e pessimista, induzindo a uma conclusão negativa. Por conseqüência, o autor se lança como elaborador do realismo ofensivo a partir de uma ótica essencial que serve à estratégia da manutenção hegemônica estadunidense (MEARSHEIMER, 2012).

O pensamento de Mearsheimer encontra-se internalizado em seu livro mais famoso, *The Tragedy Of Great Power Politics*, que, como indica o título, delimita o estudo focando no comportamento

das maiores potências mundiais nos aspectos econômico e militar (o que justifica a atenção especial que dá à China) e traz à comunidade acadêmica uma visão pessimista das relações internacionais.

Em linhas gerais, para estabelecer a compreensão de Mearsheimer a respeito da ordem mundial contemporânea, na obra citada, o autor estabelece que grandes potências sempre agem de forma agressiva, fazendo justiça ao título da teoria que funda. Isso deve ocorrer porque o próprio sistema internacional força os atores, sempre conectados, a agirem de modo ofensivo, em um cenário de permanente medo mútuo. Mearsheimer explica a situação realista com as seguintes palavras:

Por que as grandes potências se comportam dessa maneira? Minha resposta é que a estrutura do sistema internacional força os Estados que buscam apenas estar seguros, no entanto, a agirem agressivamente uns com os outros. Três características do sistema internacional se combinam para fazer com que os Estados temam uns aos outros: 1) a ausência de uma autoridade central que fica acima dos Estados e pode protegê-los uns dos outros, 2) o fato de que os Estados sempre têm alguma capacidade militar ofensiva, e 3) o fato de que os estados nunca podem ter certeza sobre as intenções de outros Estados. Dado esse medo - que nunca pode ser totalmente eliminado - os Estados reconhecem que, quanto mais poderosos forem em relação a seus rivais, maiores serão suas chances de sobrevivência. De fato, a melhor garantia de sobrevivência é ser um *hegemon*, porque nenhum outro Estado pode ameaçar seriamente uma potência tão forte (2001, p. 31, tradução nossa).

Entretanto, conforme aponta a corrente realista das relações internacionais, apesar do principal objetivo das unidades da estrutura ser a busca pela sobrevivência, o realismo ofensivo obtém sua substância quando dá luz à suposição de que os Estados, para além da disposição que têm de sobreviverem, almejam expandir seus poderes constantemente até que a condição hegemônica seja alcançada e, então, estabelecida. Mearsheimer pressupõe uma relação necessária entre agressividade e sobrevivência, ao contrário de realistas defensivos, como Waltz, que julgavam que as potências, necessariamente, alvejavam a conservação do status da balança de poder do sistema internacional, o que justificaria ações de contenção a atores que ameaçariam tal ordem. O realista clássico Morgenthau, ao contrário de Waltz, baseava na natureza humana a causalidade da competição pela segurança entre Estados e alegava que, neste contexto, todas as unidades estatais do sistema internacional buscariam constantemente o aumento de poder; enquanto Waltz atribuía à anarquia o caráter de elemento ordenador do sistema internacional para uma busca prioritária pela sobrevivência e equilíbrio entre Estados. No entanto, ambos não consideravam o fato de o sistema internacional fornecer às potências razões para agir ofensivamente e, por consequência, obter poder. Mearsheimer, por sua vez, adota a concepção de Morgenthau de que os Estados agem necessariamente de forma agressiva para garantir a própria sobrevivência na estrutura anárquica; no entanto, assim como Waltz, Mearsheimer atribui a causa para tal comportamento não à natureza humana, mas, sim, à anarquia do sistema internacional.

Para Mearsheimer, o objetivo dos Estados é a hegemonia do sistema internacional. Um *hegemon* se caracteriza quando se torna a única grande potência que domina o sistema, não podendo ser desafiada por nenhuma outra potência singular. Por outro lado, todas as potências buscam a hegemonia regional para garantirem estabilidade em suas proximidades geográficas e evitem que outras grandes potências menores conquistem tal estabilidade local.

A julgar pelo aspecto em que Mearsheimer foca sua teorização no comportamento expansionista de grandes potências, a partir do momento em que o tema do presente estudo parte do pressuposto de que a China seja uma grande potência regional (apesar de reconhecidas limitações criadas pelo Ocidente para que o crescimento do país seja contido), torna-se válido assimilar a condição de crescimento do Estado em questão com as previsões que o realismo ofensivo faz sobre condutas hegemônicas, já que potências *status quo* são improváveis pelo fato de o sistema internacional criar continuamente incentivos para a aquisição de poder.

Em termos relacionados à definição de “poder”, fundamental para compreender o realismo ofensivo, é perceptível um paralelo com o pensamento de Clausewitz acerca da guerra, que seria um movimento de violência voltado ao fim de forçar um adversário a se submeter à vontade que é imposta sobre si, sendo a continuação da política por outros meios. Segundo o realismo ofensivo, potências julgadas como grandes realizam uma competição constante e ofensiva em busca do posto hegemônico pelo fato de entenderem que este é o caminho mais efetivo para garantir a segurança individual dentro da dinâmica mundial. A guerra, então, deve constituir a principal tática empregada pelos Estados para que seja obtida uma fração de poder relativo e, desse modo, potências desproporcionalmente grandes busquem a superioridade nuclear.

Mas, a julgar por artigos de Mearsheimer a respeito da China e suas possíveis disputas multifatoriais contra os Estados Unidos, o autor conclui que para os Estados o alcance da hegemonia global no mundo moderno é quase impossível, pois é muito difícil projetar e sustentar o poder em todo o mundo. Até os Estados Unidos são uma hegemonia regional, mas não global, ainda que possa ser considerada como a maior de todas. O melhor resultado que um Estado pode esperar obter é dominar seu próprio “quintal” (continente) e conter a capacidade de outros Estados de dominarem seus “quintais”. É o que acontece na China a partir do momento em que o Ocidente, em parceria com o Japão, os Tigres Asiáticos e outros Estados da Ásia, preserva bases militares ao redor da Terra do Meio para que a potência não possa se expandir territorial, militar e economicamente (MEARSHEIMER, 2005b).

Avaliando o ponto de vista carregado pelo realismo ofensivo para compreender a hegemonia, pode-se inferir que a China tem pretensões de impor regras aos Estados ao seu redor, regionalmente, para garantir sua própria segurança. A China, desse modo, objetiva se tornar a maior potência regional da Ásia, determinando uma hegemonia local. Como cita Mearsheimer, por volta de 2025 ou 2030 a China já terá um PIB maior do que o dos EUA e, logo, maior capacidade bélica e nuclear que deverá ser traduzida a partir de uma superioridade econômica (MEARSHEIMER, 2005a). Esse será o momento em que os chineses estarão aptos a expulsar os EUA da Ásia e tornarem-se de fato detentores do posto de hegemonia regional, tomando providências em relação a Taiwan. Os chineses, em síntese, provavelmente planejam crescer economicamente para depois traduzirem tal riqueza em capacidade militar para ditar regras aos países ao redor.

Atualmente, segundo a lista elaborada e publicada pelo *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI) em 2017, que inclui os quinze maiores orçamentos militares do mundo em 2016 com base nas taxas de câmbio do mercado no momento da realização do estudo, a China, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América, é o segundo país que mais dedica gastos de seu PIB em sua estrutura militar no mundo, tendo uma despesa de \$ 215,7 bilhões de dólares, o que equivale a 1,9% do PIB chinês. Já os Estados Unidos, segundo o mesmo relatório, mantêm-se como líderes do *ranking*, com uma despesa de cerca de \$ 611 bilhões de dólares, equivalendo a 3,3% do PIB nacional (TIAN et al., 2017).

Ainda, conforme aponta um relatório de desenvolvimento militar e de segurança da República Popular da China, elaborado pelo Pentágono, o Exército Popular de Libertação vem se modernizando, se internacionalizando (vide a inauguração de sua primeira base militar no exterior, em Djibuti) e se tornando flexível para se capacitar para operações marítimas, aéreas e terrestres (OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE, 2018). As autoridades chinesas, no entanto, negam que suas pretensões sejam ofensivas e mantêm o enfoque na diplomacia e no multilateralismo, discordando das conclusões que o relatório obtém sobre os fatores constatados.

Concordando com a retórica estadunidense e a representando, neste momento, a China, estrategicamente, não tem condições de se comportar com um perfil agressivo na estrutura de relações externas. Desse modo, a Terra do Meio se mantém diplomática e em *low profile* para, posteriormente, ao crescer, poder impor sua vontade sobre outras unidades da estrutura, adotando finalmente uma faceta condizente com a que é preconizada como um padrão para o realismo ofensivo. Há, conseqüentemente, um impasse basilar em relação às conclusões sobre a expansão chinesa. Enquanto a retórica chinesa se mantém defensiva e diplomática, a estadunidense assume um caráter acusativo e constante diante de um crescimento

real em termos de uma economia que se traduz em avanços tecnológicos (expansão qualitativa) e crescimento quantitativo no setor de recursos militares do país (MEARSHEIMER, 2010).

Pensando em termos do realismo ofensivo acerca da questão do presente e do futuro da ordem mundial, o referencial teórico apresenta hipóteses em torno das transformações em vigor nas estruturas de poder que definem a polaridade mundial. Em entrevista concedida ao *think tank* sediado em Moscou, *Valdai Discussion Club*, John J. Mearsheimer expõe seu posicionamento em relação à polaridade da ordem mundial contemporânea. Para o professor, o mundo está transitando da unipolaridade para uma estrutura multipolar ainda envolvendo os três países com maiores orçamentos militares no mundo: os Estados Unidos como os mais poderosos e China e Rússia como duas diferentes rivais da maior potência, caracterizando três polos de poder no globo. Num primeiro momento, conforme todas as evidências atualmente indicam, pode-se cogitar que a Rússia estará ao lado da China, mas Mearsheimer abre possibilidades para que o Estado adote um posicionamento alternativo (JOHN, 2017).

Entretanto, para Mearsheimer, a multipolaridade só pode ser temporária, se for verificada sua concepção acerca do tema “hegemonia”. Se todas as grandes potências têm o objetivo principal de, para além de principalmente sobreviverem, buscarem hegemonia regional e tornarem-se, por razões de segurança internacional, econômica e militarmente insuperáveis em comparação com qualquer outra potência, a multipolaridade deve ser desequilibrada caso essa possibilidade se concretize dentro de uma estrutura internacional que, ainda, fornece constantemente meios de obtenção de poder. Segundo a referência aqui abordada seria improvável o equilíbrio dentro de uma estrutura multipolar duradoura. Além disso, o realismo ofensivo nega a possibilidade de “potências *status quo*” (potências permanentes), levando à adoção da hipótese de que a ordem mundial está em constante transformação em termos de polaridade e que, se a multipolaridade for admitida sob este viés, deve ser temporária e deve-se julgar que cada uma entre as grandes potências que lideram a ordem internacional deve almejar a unipolaridade protagonizada por apenas uma delas. Do mesmo modo, no entanto, qualquer estrutura polar é temporária, ainda que a multipolar seja a mais instável e perigosa (por poder desencadear guerras e conflitos), segundo esta abordagem.

Conforme aponta o autor anteriormente citado, Bandarra, em análise dos postulados do pensamento de Mearsheimer, na prática, a China busca, em última instância, tornar-se uma potência hegemônica, na medida em que, não obstante a retórica oficial do governo chinês, esse é o objetivo de todos os Estados, uma vez que todos são movidos pelo medo e têm a meta de sobreviver em um ambiente internacional anárquico. Conclusivamente, por enquanto, de imediato, a Terra do Meio pretende configurar uma estrutura multipolar na ordem mundial através de uma agenda voltada a uma atuação internacional gradualista, diplomática e enquadrada em um comportamento denominado *low profile*, com exceção dos casos de integridade territorial que envolvem necessidade de uso de força militar como em Taiwan, no Tibet e no Mar do Sul.

3.2 O DISCURSO TRADICIONAL CHINÊS DIANTE DA ASCENSÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Exposta a perspectiva do realismo ofensivo acerca do tema da “multipolaridade” em relação à ordem mundial contemporânea e futura, agora, convém exibir a nova e tradicionalista ótica de política externa chinesa representada na presente pesquisa por Tingyang Zhao. Para refletir a respeito da ordem mundial nesse sentido vale julgar a noção de sistema internacional através da perspectiva chinesa:

Enquanto que o sistema de origem europeia desenvolveu um ordenamento do sistema internacional envolto pela anarquia e gerido por Estados-nação “westfalianos”, o discurso tradicional Chinês baseia-se no princípio do Tianxia, que induz à construção de uma “forma altruísta de unidade global”, apoiada por uma “hierarquia global”, na qual a ordem é mais valiosa que a liberdade, a ética que a lei e a governança elitista que a democracia e os direitos humanos”. (LI, 2011, p. 145 apud BANDARRA, p. 11)

Em harmonia com a citação trazida por Bandarra, defendendo a institucionalização do sistema *Tianxia*, o filósofo chinês Zhao (2006) explica que a tal conceito preconiza que o sistema internacional atual é baseado na ótica de que Estados-nação tendem a ter comportamentos individualistas. Em oposição a isso, a teoria propõe um coletivismo onde a "mundanidade" deva superar o individualismo contemporâneo.

O filósofo se lança como um crítico das noções ocidentais de interpretações das relações internacionais, adepto de uma espécie de "mundialismo" originalmente chinês e da sobreposição internacionalista conduzida pela Terra do Meio. Conforme Zhao (2009) argumenta em *A Political World Philosophy in terms of All-under-heaven*, as teorias internacionais, como a do "Choque de Civilizações", apenas atendem interesses nacionais imperialistas ou de resistência a isso através de nacionalismos, levando a um Equilíbrio de Nash que impede o bem-estar mundial. E, ao mesmo tempo, nega a eficiência da busca pela paz perpétua kantiana, julgando-a como uma tentativa em vão. Então o pensador nega tanto o viés hobbesiano como o kantiano de interpretação das relações internacionais para propor um internacionalismo inclusivo, ético e desenvolvido por vias chinesas, simbolizado pelo *Tianxia*.

O sistema *Tianxia*, segundo Zhao, permite a consolidação do senso de "mundanidade", e pode ser descrito a partir de três características fundamentais:

Primeiro, *Tianxia* significa a Terra sob o céu, "tudo sob o céu". Segundo, refere-se à vontade geral de todos os povos do mundo, implicando um acordo universal. Envolve o coração mais do que a mente, porque o coração tem sentimentos. E terceiro, o *Tianxia* é um sistema universal responsável pela ordem mundial. O mundo não pode alcançar o *Tianxia* a menos que os reinos físico, psicológico e político coincidam. (ZHAO, 2018, p. 12, tradução nossa).

Para explanar o conceito, o professor Zhao estabelece uma relação nuclear entre a filosofia chinesa (com ênfase nos valores confucionistas) e o sistema *Tianxia*. A filosofia chinesa trouxe à tona o valor da família enquanto esfera primordial de harmonia. Desse modo, o *Tianxia* se sustenta a partir disso, dando projeção dessa esfera mínima para a máxima, que é o sistema internacional. O mundo, então, deve funcionar como uma família no sentido de possuir uma hierarquia definida. Conforme propõe o conceito de "relacionalidade", defendido por Zhao, a ontologia das relações humanas deve superar a ontologia das coisas para, assim, o sistema internacional funcionar em prol do coletivismo e superar o individualismo. A China seria o centro de um sistema tributário legal e voluntário, consolidando a instituição do *Tianxia*. Nesse sistema o respeito mútuo baseado na ideia de "não faça para o próximo o que você não gostaria que fizessem para você" seria necessário.

Aprofundando a filosofia de Zhao, ele defende que a comunidade internacional deve superar a condição de relações criada pela era moderna e buscar um novo sistema inspirado em outros princípios. Em primeiro lugar, o "pensar" consiste, segundo o autor, em uma atividade monológica e, consequentemente, individualista, o que entra em compatibilidade com o significado racionalista da Modernidade. Por outro lado, tem-se o "fazer", produtivista, que permite que atividades coletivas sejam possíveis e contribuam para que o "ser" se constitua por vias práticas. Ser, então, é fazer.

Considerando a filosofia confucionista do autor, rejeitando qualquer perspectiva individualista e centrada apenas no ser individual, o autor retoma os valores de Confúcio para idealizar uma sociedade que sobreponha as relações aos indivíduos. Disto advém o citado conceito de "relacionalidade". As relações entre os indivíduos são mais importantes do que eles mesmos para responder as questões da ontologia. Zhao é um humanista radical que prefere que o ser humano seja autotélico (que não possua outro significado dissociado de si mesmo) numa sociedade ideal. Por isso, ele rejeita os valores que tornem o ser dependente de Deus. Ele propõe uma ontologia em que o ser humano não rejeite a metafísica, mas ainda assim não se subordine a ela. O confucionismo enquanto sistema filosófico serve como ferramenta vital para que as formulações de Zhao sejam elaboradas.

Zhao aplica sua filosofia à interpretação das relações dentro do sistema internacional. Uma filosofia de mundo deve conciliar a racionalidade com a emoção. A sociedade ideal não deve se basear

inteiramente em princípios de racionalidade nem puramente na emoção. Ambos devem estar presentes na mesma medida e complementarem-se, conforme proposições feitas por Confúcio. Entretanto, deve haver uma racionalidade para constituir as relações no sentido de combater valores singularistas.

As relações devem ser constituídas sob o princípio do "ótimo de Confúcio" em oposição ao "ótimo de Pareto". Isso constituiria, de acordo com a teoria dos jogos, uma "relação ganha-ganha", onde, ao contrário do que o realismo ofensivo e outras teorias internacionais pressupõem (em que as relações ganha-perde são essenciais), seja possível que dois atores se relacionem tendo benefícios mútuos a partir desta ligação. Em contraponto às óticas sobrevivencialistas e individualistas do realismo, a coexistência deve preceder a existência singular no sistema internacional (ZHAO, 2010).

Conforme Zhao (2014) aponta em seu artigo *The China Dream in Question*, é capital o atrelamento do conceito de "Sonho Chinês" com a estrutura imaginada pelo sistema *Tianxia*. O Sonho Chinês é carregado com o sentimento de que a nação da Terra do Meio deve buscar a preservação de sua identidade. Lamenta-se a derrota da China e de toda a Ásia perante o Ocidente modernizado e militarizado caracterizado pelo advento da Modernidade. O Sonho Chinês havia se mantido firme durante os períodos dinásticos, mas, no século XX (embora as influências venham desde o século XIX), com o fim da dinastia Qing em 1911, o país foi ocidentalizado e acabou se entregando parcialmente à modernidade e aos seus valores, entrando em crise civilizacional tanto com o estabelecimento da república nacionalista de Sun Yat-sen como com a Revolução Chinesa de 1949 protagonizada por Mao Tsé-Tung, que aderiram a valores ocidentais e modernos.

Xi Jinping evocou o "Sonho Chinês" imediatamente ao se tornar Secretário Geral do Partido Comunista da China no final de 2012, adotando a frase como lema de governo. Ele declarou que "O Sonho Chinês é o grande rejuvenescimento da nação chinesa" e, com esse discurso, incentivou a população a buscar cada vez mais produtividade, a acreditar na meritocracia, e propôs que seu governo deverá alcançar o desenvolvimento do país em meados do ano 2050. Assim, o líder assume um caráter nacionalista e promete realizar reformas para preparar a China para a tomada da liderança no sistema internacional (KUHN, 2013).

Entretanto, em partes, a China resistiu culturalmente ao manter traços de sua identidade no meio desses processos de ocidentalização. Deste ponto advém a definição de "modernização com características chinesas". Zhao admite o comportamento estratégico baseado na "imitação" e o intitula de "China Metodológica", que consistiria basicamente na adoção consciente e racional de práticas de desenvolvimento e crescimento ocidentais, porém, com adaptação ao modo chinês de conceber a realidade, significando um caminho para a preservação da identidade nacional e para a ascensão do povo, culminando na realização do Sonho Chinês.

O autor concorda com o desenvolvimento através da imitação, num primeiro momento. Entretanto, acrescenta que imitar um padrão de relações ganha-perde, que faz com que outros atores saiam perdendo, não deve ser o ideal. O ideal seria superar tal modelo para propor um em que os atores coexistam e precisem manter tal lógica de interdependência. Um sonho nacional (chinês) deve estar relacionado com um sonho global, e um mundo de compatibilidade deve substituir o atual mundo da competição. A renovação do *Tianxia* e a racionalidade relacional (*guanxi lixing*) devem ser ideais universais, pois geram compatibilidade nas relações entre atores. A racionalidade relacional deveria reduzir a quantidade de competição hostil desenvolvida pela racionalidade individual moderna em busca de maximizar os interesses individuais. E um sistema *Tianxia* deveria criar um mundo de paz universal atualizada e aperfeiçoada com base nas condições globais de civilizações múltiplas, mais inclusivas do que as condições kantianas para a paz.

Ainda avaliando a abordagem chinesa das relações internacionais, outro conceito substancial para continuar tal tarefa é o denominado multipolarismo (*duojihua*), que diz respeito à possível consolidação de uma estrutura multipolar da ordem mundial na atualidade. O conceito entra em consonância com os princípios definidores do *Tianxia* ao passo que indica mais um ponto definidor do discurso internacionalista chinês.

A teoria advém dos tempos da Guerra Fria e é até hoje levada em consideração por cientistas políticos chineses para avaliar a realidade do poder entre os polos do mundo. Em resumo, a proposta chinesa de multipolaridade pode ser determinada a partir de cinco princípios obrigatórios que foram criados para garantir a coexistência pacífica entre China e Índia através do acordo de paz estabelecido por ambos em 1954: “1. Respeito mútuo pela integridade territorial e soberania; 2. Não agressão; 3. Não interferência nos assuntos internos; 4. Igualdade e benefício mútuo; 5. Coexistência pacífica” (SAVIN, 2018).

Os chineses já vêm debatendo sobre a condição da ordem mundial pós-Guerra Fria desde que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estava prestes a ser esfacelada. Conforme explica Leonid Savin, o Assessor de Segurança Nacional de Deng Xiaoping, Huan Xiang, publicou neste período um artigo intitulado *Prospects for the international situation* em que punha em discussão a hipótese de que a multipolaridade representaria um período de transição ou se definiria de imediato uma estrutura de ordem mundial, uma vez que as duas grandes potências do momento bipolar estariam perdendo a capacidade de controlar outros três polos de poder que se tornavam cada vez mais autônomos – China, Japão e Europa – e, desse modo, se constituiria uma ordem mundial de cinco polos. O debate veio à tona assim que os próprios chineses reconheceram que a Terra do Meio tornava-se uma potência que rumava para o alcance de um posto de condução polar.

Contudo, tal abordagem se valorizava no momento em que a República Popular da China se lançava como um ator mais próximo de uma retórica relativamente realista, anti-americana e de assunção dentro das relações internacionais. Posteriormente, portanto, se tornou mais usual para a política externa chinesa a posição multilateralista (*duobian zhuyi*) que, relativa à conceituação da Teoria das Relações Internacionais, adota uma estratégia mais próxima de uma caracterização liberal-institucionalista, harmoniosa e pacifista. Com esta abordagem das Relações Internacionais sendo expressa do campo doméstico para o externo, a Terra do Meio garante a permanência discreta e estratégica em *low profile* de atuação e ativa mecanismos de diplomacia para que preserve parcerias políticas e comerciais ao passo que deve continuar abrindo horizontes para que conquiste proximidade com ainda mais Estados.

No entanto, para a China, o multilateralismo na “comunidade internacional” funciona na prática como “um princípio organizador compatível com os processos de multipolarização e globalização [...] o reforço do multilateralismo pode ser usado para democratizar a hegemonia dos EUA e domar os impulsos unilaterais de Washington” (MATIAS). O multilateralismo se lança como retórica que, na prática, não exclui a validação da colocação da China como potência proprietária de um polo de poder dentro da ordem mundial.

Os conceitos chineses de multipolaridade através de multilateralismo, hierarquia harmoniosa proposta pelo sistema *Tianxia* e Sonho Chinês estão todos conectados e dialogam mutuamente, constituindo versões chinesas de fatos do sistema internacional, e são instrumentalizados na política externa da Terra do Meio de forma complementar. Estas abordagens podem ser reunidas para explicar o pensamento “neotradicionalista” da China de Xi Jinping relativa às relações internacionais. Os conceitos são usuais na política externa do Estado e têm harmonia com as formulações teóricas dos campos acadêmicos nacionais. É cabível conectar outras conjecturas ao conjunto, porém, por ora, já se tem os pilares conceituais de análise, garantindo conclusões diante da nova hegemonia chinesa em questão no presente estudo.

4. CONCLUSÃO

Conclusivamente, pode-se, a partir da conceitualização dada pelo realismo ofensivo, examinar a retórica da China de Xi Jinping expressa pela evocação ao *Sonho Chinês*, convergente com o *Tianxia*, e observar, em maior ou menor medida, pontos harmônicos e desarmônicos entre os conteúdos teóricos: enquanto ambos os lados avaliam um fato constatado universalmente (a ascensão da hegemonia chinesa), o primeiro tem um tom fatídico enquanto o segundo se lança com otimismo. Ao passo que o realismo ofensivo aponta para um destino fatalista para o sistema internacional, apontando as possibilidades de ausência de paz, a retórica chinesa dá ênfase na maneira pela qual conduzirá as relações internacionais de maneira mais

positiva e organizada. O primeiro reflete sobre os meios do processo de substituição de liderança mundial, que alega que não serão pacíficos; o segundo avalia somente os fins de tal procedimento.

Mearsheimer infere frequentemente acerca da impossibilidade da ascensão pacífica da China. Por mais que o pensamento tradicional e diplomático chinês se lance a partir de princípios respaldados na transformação do “sistema internacional” em uma “comunidade internacional” para que as relações ganha-perde sejam substituídas por padrões de ganha-ganha, os meios para que tal cenário se consolide são constantemente alertados pelo professor americano. O resultado se revela a partir da certeza que o autor fornece de que em um determinado momento os Estados Unidos reagirão por vias ofensivas para impedir o crescimento definitivo da Terra do Meio.

Os meios pelos quais a Terra do Meio utilizará o poder que propende a obter rumo à restauração do *Tianxia* ainda perduram como incógnitas, embora não haja contestações de que a tendência à multipolaridade sob a liderança chinesa aponta-se como uma realidade cada vez mais comprovável. O realismo ofensivo, entretanto, oferece uma narrativa teórica que indica uma possível reprodução de padrões de imposição de vontade essencialmente estáticos. Agora, convém avaliar as hipóteses e interpretações trazidas por Mearsheimer diante de tal inclinação para compreender como tal provável liderança assumirá suas responsabilidades no campo internacional ainda que se considere sua retórica e suas teorias aplicadas à política externa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDARRA, Leonardo Carvalho Leite Azeredo. A ascensão chinesa na nova era sob a perspectiva do realismo ofensivo: rumo a uma nova hegemonia? *Conjuntura Global*, Curitiba, v. 4, n. 3, p.305-317, 31 dez. 2015. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v4i3.45352>.

CARRIÇO, Alexandre. Grande Estratégia e o «sonho da China» de Xi Jinping. *Relações Internacionais* [online]. 2013, n.38, pp.23-33.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: Macmillan, Inc., 1992.

HUNTINGTON, Samuel P.. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. São Paulo: Objetiva, 1997.

JOHN Mearsheimer: We are Moving to a Multipolar World with Three Great Powers. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yoWMn8H7uIQ>. Acesso em: 12 fev. 2019.

KUHN, Robert Lawrence. Xi Jinping's Chinese Dream. *International Herald Tribune*, [S. l.], p. 6, 5 jun. 2013. Disponível em: <http://rlkuhn.com/wp-content/uploads/2018/05/Kuhn-Xi-Jinpings-Chinese-Dream-New-York-Times-Global-Edition-June-5-2013.pdf>. Acesso em: 24 maio 2019.

MATIAS, José Carlos. A China face ao mundo: Multipolaridade e Multilateralismo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 5. Aveiro, 2010. Disponível em: <http://sinicoesclarecido.blogspot.com/2010/03/china-face-ao-mundo-multipolaridade-e.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MEARSHEIMER, John J. “Better to Be Godzilla than Bambi.” *Foreign Policy*, [S. l.], v. 146, p. 47–48, 2005a.

_____, John J. John Mearsheimer on Power as the Currency of International Relations, Disciplining US Foreign Policy, and Being an Independent Variable. *Theory Talks*, [S. l.], 24 jun. 2012. Disponível em: <http://www.theory-talks.org/2012/06/theory-talk-49.html>. Acesso em: 14 fev. 2019.

_____, John J. “Showing the United States the Door.” *Foreign Policy*, v. 146, p. 49–49, 2005b.

_____, John J. The Gathering Storm: China's Challenge to US Power in Asia. *The Chinese Journal of International Politics*, Oxford, 2010. Disponível em: <https://academic.oup.com/cjip/article/3/4/381/439228>. Acesso em: 12 fev. 2019.

_____, John J. The Rise of China Will Not Be Peaceful at All. *The Australian*, Austrália, p. 1 - 4, 18 nov. 2005c. Disponível em: <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/P0014.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

_____, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W.W. Norton & Company, 2001.

OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE (Estados Unidos): Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China. Arlington, 2018, p. 1-42. Disponível em: <https://media.defense.gov/2018/Aug/16/2001955282/-1/-1/1/2018-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT.PDF>. Acesso em: 12 fev. 2019.

SAVIN, Leonid. China and Multipolarity. *Geopolitika*, [S. I.], 12 set. 2018. Disponível em: <https://www.geopolitica.ru/en/article/china-and-multipolarity>. Acesso em: 14 fev. 2019.

TIAN, Nan et al. TRENDS IN WORLD MILITARY EXPENDITURE, 2016. [S. I.], 2017. Disponível em: <https://www.sipri.org/sites/default/files/Trends-world-military-expenditure-2016.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ZHAO, Tingyang. A Political World Philosophy in terms of All-under-heaven (Tian-xia). *Diogenes*, [S.I.], v. 56, n. 1, p.5-18, fev. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0392192109102149>.

_____, Tingyang. Can This Ancient Chinese Philosophy Save Us From Global Chaos? *New Perspectives Quarterly*, [S.I.], v. 35, n. 2, p.11-13, 23 abr. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/npqu.12132>.

_____, Tingyang. Rethinking Empire from a Chinese Concept 'All-under-Heaven' (Tianxia). *Social Identities*, [S.I.], v. 12, n. 1, p.29-41, jan. 2006. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13504630600555559>.

_____, Tingyang. The "China Dream" in Question. *Economic And Political Studies*, [S.I.], v. 2, n. 1, p. 127-142, jan. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/20954816.2014.11673854>.

_____, Tingyang. The Ontology of Coexistence From Cogito to Facio. *Diogenes*, [S.I.], v. 57, n. 4, p.27-36, nov. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0392192112438512>.

